

A crítica e a poetisa: um livro de uma cor e suas muitas nuances

The critic and the poet: a book of one color and its many nuances

Telma Maciel da Silva 

Universidade Estadual do Paraná, Brasil

telmaciel@gmail.com

Recensão

A crítica e a poetisa: estudos sobre Maria Lúcia Dal Farra é uma obra que oferece ao leitor o melhor de dois mundos: ao mesmo tempo em que é um livro muito pessoal, também é uma peça de acurada investigação poética. O livro está dividido em quatro capítulos. Os dois primeiros, mais pessoais, trazem, respectivamente, entrevista com a escritora e depoimentos de ex-alunos e/ou amigos, enquanto os dois últimos apresentam traduções de sua obra poética e artigos que analisam por diversas perspectivas essa produção.

Maria Lúcia Dal Farra é uma referência obrigatória e incontornável para qualquer professor e/ou pesquisador de Literatura Portuguesa. A primeira vez que a vi, eu era uma jovem estudante do último ano da graduação ou talvez do primeiro ano do mestrado, nos idos de 2004 ou 2005. O nome Dal Farra não me era estranho, mas ainda não figurava entre os meus referenciais. Ela chegou na companhia da minha orientadora, e atravessou o saguão do prédio de Letras da Unesp/Assis, indo em direção ao Salão de atos, onde participaria de uma banca de doutorado. O salão, em pouco tempo, estava cheio, o que não é comum em ocasiões como estas. Lembro-me muito pouco ou quase nada da arguição, mas me lembro perfeitamente da comoção que foi ouvi-la. Com certa estranheza, eu e meus amigos – pouco ambientados ao universo dalfarriano – saímos do salão comentando a cor da roupa e dos acessórios da convidada ilustre. Nos parecia uma excentricidade. Quando será que surgira aquela escolha pelo roxo e suas nuances? Quando me lembro daquele primeiro encontro, o que me vem à mente é uma sensação colorida. É como se as ondas sonoras da Maria Lúcia tivessem tomado o meu corpo em roxo, como naquela festa apoteótica de *A confissão de Lúcio*. Com o tempo, acostumei-me a

encontrá-la nos congressos, como na Abraplip de 2017, em que foi homenageada e falou de suas memórias como professora e pesquisadora de Literatura Portuguesa. Também em 2017, agora em Viterbo, na Itália, tive a oportunidade de vê-la novamente. Era um congresso pequeno, sempre com apenas duas mesas simultâneas, uma em Italiano e outra em Português. Sofri um pequeno ataque de pânico quando vi que ela estava na plateia no horário da minha apresentação. O que eu poderia dizer na presença de Maria Lúcia Dal Farra? Disse o que fora dizer com voz ainda mais trêmula do que o de costume. Depois, no restaurante, calhou de sentarmo-nos uma ao lado da outra. Maria Lúcia conversava comigo normalmente, queria saber das minhas coisas e quando descobriu que eu tinha sido orientanda da sua antiga orientanda, me chamou de neta.

Esse tipo de depoimento é pouco usual em uma resenha, mas me permiti essa pequena licença poética porque estamos diante de um livro que aguça a nossa memória, pois é ele matéria de memória, tanto da escritora quanto de seus analistas e admiradores. A entrevista que Maria Lúcia cede a Ana Luísa Vilela abre a coletânea e dá um pouco a dimensão temática e estrutural da obra, na medida em que começa muito pessoal e, sem que nós percebamos, vai se tornando cada vez mais analítica. A autora abre o seu baú para nos mostrar a infância de menina ansiosa por aprender a ler e ávida por histórias, admiradora do pai, que foi um dos responsáveis por abrir os horizontes para uma infinidade de “existências de que não tínhamos notícias ainda” (DAL FARRA apud VILELA, 2021 p. 15). Acompanhamos, nessas vinte poucas páginas, o desvelamento da poetisa: “Me demorei muitíssimo a estreiar na poesia, coisa que ocorreu só quando completei 50 anos!” (Idem p. 21). Outra “demora”: o estudo aprofundado da obra de Florbela Espanca, que

só viria com a titularidade, quando Maria Lúcia acredita ter encontrado a instrumentação necessária para “chegar criticamente mais perto dela sem [se] contagiar” (Idem, p. 27). Ana Luísa pede à entrevistada uma definição para poesia e ela fala de “encantamento enigmático” capaz de nos comunicar um “saber inesperado, contraditório e difuso” (Idem, p. 25). A entrevista é, como a obra toda, um misto de pessoalidades e conhecimento aprofundado sobre o mundo das palavras.

No capítulo seguinte, é mantido esse mesmo tom pessoal. Agora, a trajetória de Maria Lúcia aparece nos depoimentos de ex-alunos, amigos e admiradores. O texto que abre essa seção do livro é justamente o da minha orientadora, Ana Maria Domingues de Oliveira, aquela que seria responsável por me apresentar a muitos universos, inclusive ao da autora em questão. Ela conta das muitas coisas que aprendeu com Maria Lúcia: “Aprendi que os momentos em que ensinamos e os momentos em que aprendemos não são tão distintos assim” (OLIVEIRA, 2021 p. 37). Nesta parte do livro, temos ainda depoimentos carinhosos de Marlise Vaz Bridi, Inês Pedrosa, bem como de Paulo Motta Oliveira, que reflete sobre o seu processo de envelhecimento, enquanto rememora a relação de longa data que tem com Maria Lúcia e fala de sua importância para os estudos de Literatura Portuguesa. Paulo Motta encerra seu texto, numa espécie de epílogo, fazendo um convite para o pós-pandemia: “Apresentei este texto em dezembro de 2019. Antes da Covid-19. Quando ele for publicado, infelizmente os mais de 26 mil mortos oficiais que existem hoje no Brasil terão sido em muito ultrapassados. Mas sou um otimista. Por isso, gostaria de renovar um voto que fiz no fim da minha fala. Que nos reencontremos, em 2024, um pouco mais velhos, para comemorar os 80 anos da Maria Lúcia. E que nesse futuro próximo possamos

falar de um outro livro. Não do *Terceto para o fim dos tempos*, mas do, sugiro já um título, “Quarteto de um mundo novo” (MOTTA, 2021 p. 65).

(Faço uma pausa para olhar os números oficiais. A pandemia – ou melhor, o descaso institucional – levou mais de 480 mil vidas até o momento em que encerro essa pequena resenha. Quando ela for publicada, infelizmente, serão outras milhares⁸⁵. Mas como a poesia nos ajuda um pouco a nos manter vivos, continuamos fazendo coisas como versos e escrevendo coisas como resenhas).

O capítulo terceiro de *A crítica e a poetisa* demonstra o alcance da produção poética de Maria Lúcia Dal Farra. Chris Guerry, Matteo Pupillo e Mercedes Gomez Almeida traduzem alguns poemas da autora para o inglês, o italiano e o espanhol, respectivamente. Matteo Pupillo além de traduzir os poemas de Maria Lúcia, também dedica a ela um pequeno poema de sua autoria, que aparece de maneira discreta, em uma nota de rodapé de seu texto “Maria Lúcia Dal Farra em italiano: entre a traição e a tradução”. Os três além de traduzirem parte da obra poética da autora, também buscam refletir sobre as dificuldades e os desafios que a tarefa lhes impôs.

Na seção do livro dedicada aos artigos, que compreendem estudos da produção literária e crítica de Maria Lúcia Dal Farra, encontramos 15 (quinze) estudos, que somados aos 9 (nove) dos três capítulos anteriores, contabilizam 24 textos no total. Os estudos demonstram algumas confluências temáticas, visto que vários deles se debruçam sobre a produção poética da escritora, muitas vezes, colocando-a em diálogo – seja ele crítico ou literário – com autoras e autores como Florbela Espanca, Fíama Hasse Pais Brandão, Fernando Pessoa, Gilka Machado, Mariana do Alcoforado etc.

Em seu texto em homenagem à Maria Lúcia Dal

138 ⁸⁵ Quando recebo o texto para uma última revisão, já ultrapassamos a marca escandalosa de 500 mil óbitos por Covid

¹⁹ no Brasil e o programa de vacinação, que poderia ter salvado muitas dessas vidas, caminha a passos lentos.

Farra, Inês pedrosa fala das dívidas que todos nós temos para com ela. Entre estas dívidas, a principal seria a “ressurreição de Florbela Espanca” (PEDROSA, 2021 p. 51). Como não poderia deixar de ser, Florbela é certamente o segundo nome mais constante dessa obra e, como não será possível, no exíguo espaço de uma resenha, tratar de todos os textos da coletânea, nem mesmo de todos aqueles que estudam a produção de Maria Lúcia relacionada à Florbela, destaco aqui o excelente “Maria Lúcia e Florbela, clarividências”, de Cláudia Pazos Alonso, que ao tratar “do caso de amor” que emerge dessa relação, analisa *Terceto para o fim dos tempos*, em especial o conjunto de poemas “De Florbela para Pessoa, com amor”. Cláudia Alonso estuda de maneira acurada o cruzamento forjado pela poetisa brasileira entre as obras dos dois autores e destaca a “combinação exímia de fragmentos de textos originalmente assinados tanto por Florbela quanto por Pessoa” (ALONSO, 2021 p. 143), conferindo à autora de *Charneca em flor* um “empoderamento póstumo” (Idem, p. 149).

Para encerrar, escolho falar de uma última constante de *A crítica e a poetisa*. Depois de Florbela, outra presença marcante do livro é a cor. O roxo e/ou lilás percorrem a obra, aparecendo de maneira mais ou menos marcantes em todas as seções: da capa, passando pelo texto “O roxo é a cor mais quente”, de Ana Maria Domingues de Oliveira; pela “Homenagem à Maria Lúcia”, de Adriana Sacramento, Cleuma Magalhães, Eliana Barros, Renata Bomfim, Jonas Leite, Iracema Goor, Isa Severino e Fabio Mario da Silva; pelos epítetos “Dama de roxo” e “Mulher lilás”, atribuídos, respectivamente, por Paulo Motta e Matteo Pupillo; pelos artigos “Uma violeta iridescente”, de Mercedes Gomez Almeida e “Diálogos poéticos em tom de lilás e roxo”, de Deolinda Adão. Esse é, portanto, um livro de uma cor e suas nuances.

O romance *O amor dos homens avulsos*, do escritor brasileiro Victor Heringer, apresenta um início inusitado, em que é atribuída uma condição climática para a narrativa: “A temperatura deste romance está sempre acima dos 31°C. Umidade relativa do ar: jamais abaixo dos 59%. Ventos: nunca ultrapassam os 6km/h, em nenhuma direção” (HERINGER, 2016, p. 10). *A crítica e a poetisa* certamente não tem uma temperatura de partida, pois ela varia muito, dados os diversos fusos horários em que estão as instituições dos pesquisadores aqui reunidos: Universidade da Califórnia – Berkley, Universidade de São Paulo, Universidade de Lisboa, Universidade Federal de Sergipe, Sorbonne Nouvelle-Paris 3, Wadham College – Universidade de Oxford, Universidade Estadual do Centro-oeste, PUC-SP, Instituto Politécnico da Guarda, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – Campus de Simões Filho, Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte, Universidade Estadual da Paraíba, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Maranhão, Faculdade Freire, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Universidade de Évora, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Esta lista com as filiações dos autores envolvidos na produção da obra aqui em análise dá bem a dimensão da diversidade almejada por seus organizadores, Ana Luísa Vilela, Fabio Mario da Silva, Inês Pedrosa e Rosa Fina, cuja dedicação vemos aqui recompensada, diante da qualidade dos textos apresentados. Contudo, para além dessa qualidade, que diz respeito a cada um dos autores, os organizadores estão de parabéns também pela estruturação cuidadosa, que dá ao volume aquele tom pessoal de que falei acima, sem nunca perder de vista o método que deve sempre embasar o trabalho analítico em torno da literatura.

Bibliografia

VILELA, Ana Luísa; SILVA, Fabio Mario da; PEDROSA, Inês; FINA, Rosa (orgs). *A crítica e a poetisa: Estudos sobre Maria Lúcia Dal Farra*. Recife: Libertas Editora, 2021.

